



Associação de Leitura do Brasil: pioneirismo na formação de leitores

Ezequiel T. da Silva
Por Maria Antonieta Pereira

Ezequiel T. da Silva é professor colaborador voluntário junto à Faculdade de Educação/Unicamp, Grupo de Pesquisa ALLE (Alfabetização, Leitura e Escrita). Presidente da Associação de Leitura do Brasil (biênio 2007-2008). Foi Secretário Municipal de Educação de Campinas e Diretor Executivo da Editora da Unicamp. Possui vários livros publicados sobre as relações educação/leitura.

Maria Antonieta Pereira é Coordenadora Geral do Programa A tela e o texto.

Revista txt - Nos dias 17 e 18 de dezembro de 1981 ,foi realizada em Campinas a primeira reunião da Associação de Leitura do Brasil (ALB). De lá para cá, quais foram as principais contribuições da ALB para a elevação do índice de leitura do país?

Ezequiel T. da Silva - Acredito que a maior contribuição da ALB para com as coisas da leitura nacional resida numa primeira e forte "chamada de atenção" para as necessidades dessa área. Além disso, pioneiramente, a entidade organizou um evento forte a respeito da leitura na escola, que veio a se

chamar COLE (Congresso de Leitura) e que hoje se apresenta como o principal fórum de debate e discussão daquela temática. A Revista "Leitura: Teoria e Prática", já no seu nº 51, é o único periódico brasileiro que tematiza exclusivamente assuntos e aspectos relacionados à leitura. Certamente que existem muitas outras contribuições de muito destaque, mas que decorrem das aqui citadas.

"Depois de 30 anos de COLE e 27 de revista Leitura: Teoria & Prática, percebemos transformações no panorama cultural brasileiro." Essa afirmativa abre o histórico da Associação Brasileira de Leitura. Quais seriam as principais transformações que você percebe nesse âmbito?

Entendo que existe uma preocupação maior a respeito do próprio desafio em formar ou produzir leitores que acompanhem e sustentem o desenvolvimento brasileiro no tempo. Não podemos jamais negar que houve um amadurecimento do processo de democratização de nosso país, com a ascensão de outras classes sociais às riquezas do país. Outrossim, aumenta o acesso à escola, abrem-se promissoras perspectivas para a continuidade dos estudos, profissionalização, etc. - tudo isso envolve a leitura, aqui tomada como uma prática fundamental à aprendizagem, à participação social e ao desempenho escolar.

No site da ALB, podem ser encontradas diversas possibilidades de interação por parte de educadores preocupados com a questão da leitura. Na sua opinião, esse site tem sido um espaço de formação de educadores, inclusive como leitores da atualidade?

Hoje o site da ALB recebe mais de 8.000 visitas por dia, o que aponta para um acerto no que se refere aos seus conteúdos, serviços e ferramentas de interatividade. Queremos que esse espaço virtual aglutine os mediadores de leitura (professores ou não) no sentido de aprendizagens recíprocas, debates, discussões e principalmente da construção de conhecimentos que possam ser aplicados na melhoria do ensino da leitura nas escolas. Sem dúvida que o site constitui, hoje, um espaço de formação continuada dos educadores brasileiros, tendendo a se expandir cada vez mais com o passar do tempo.

A revolução da informática exige diferentes competências, em termos de leitura e de escrita. Como essa situação interfere na capacitação dos próprios educadores? Eles estão sendo preparados de forma eficiente pelas universidades?

Sem dúvida que existem vários programas universitários voltados para o desenvolvimento de competências para navegação na Internet e para usufruto das conquistas da informática. Eu particularmente, aqui na Unicamp, conheço múltiplas iniciativas nessa direção. Não tenho dúvidas de que os

circuitos de envolvimento e participação dos professores no universo virtual vão crescer velozmente em todos os países e o Brasil não será exceção. Tenho defendido a idéia de que os professores, para não viverem o anacronismo, devem buscar a capacitação em informática o mais rapidamente que puderem, sob o risco de se transformarem em profissionais obsoletos e fora do seu tempo.

O Congresso de Leitura do Brasil (COLE) seguramente é um dos mais importantes fóruns de debate e capacitação de educadores do país. De seu ponto de vista, quais foram as principais conquistas realizadas pelo COLE, ao longo de seus 16 anos?

Existem muitos subprodutos dos COLEs que sequer imagino... mas, para mim, creio que a principal conquista diz respeito ao evento em si mesmo em termos de sua manutenção no tempo desde 1978, sempre com público crescente e conseguindo manter uma atmosfera prazerosa para aqueles que dele participam. O COLE é, hoje, um dos principais acontecimentos culturais do Brasil, já constituindo uma tradição muito esperada pela comunidade. As conferências nacionais e internacionais, os seminários paralelos que variam de 16 a 20, os shows artísticos, a feira de cultura e arte, etc. - tudo isso produz uma ambientação propícia para a educação permanente e a troca de experiência entre os participantes de todo o país. Vale lembrar que o 16º COLE, realizado em 2007, reuniu e apresentou mais de 2500 trabalhos - uma marca razoável, me parece.

Como presidente da ALB, você participa ativamente dos debates nacionais sobre a formação de leitores. Como você analisa as grandes dificuldades ainda existentes nessa área?

Não tenho participado muito porque a política nacional em prol da leitura anda meio descosturada há tempos, sem uma discussão democrática envolvendo as entidades existentes dentro da sociedade civil. Fala-se muito sobre o livro e sua distribuição, mas discute-se pouco a leitura. Eu já afirmo que as ações para superar os problemas acumulados no tempo na esfera da leitura caminham do medonho ao sem-vergonha. Por vezes, são tantas as mazelas que parece haver um diálogo entre surdos, com os programas patinando no mesmo lugar. Talvez a gente vença as dificuldades pela insistência, não sei!

Você considera que os educadores contemporâneos estão mais preparados para formar leitores do que os educadores dos anos 80, geração que redemocratizou o Brasil e lutou para democratizar a leitura, inclusive fundando associações como a ALB?

Não, de jeito nenhum, no meu ponto de vista, o país regrediu muito em termos de cuidado e zelo na formação dos professores.

A produção teórica cresceu muito; a educação dos educadores diminuiu muito. Com isso, impõe-se um esforço imenso na esfera de leiturização docente de modo que o professor exale entusiasmo por leitura a seus alunos e, ao mesmo, utilize metodologias adequadas em suas salas de aula. Sempre acreditei que o principal fator na formação de um leitor é o professor e não o método e nem as circunstâncias de produção da leitura num determinado contexto. Professor-leitor é condição sine qua non para a melhoria da leitura no ambiente escolar.

Como a ALB analisa a questão específica do analfabeto funcional, em termos de causas e conseqüências para os indivíduos e a nação?

O analfabetismo funcional é uma vergonha, uma chaga que carregamos enquanto Nação. Percebo esse tipo de problema como uma marcha-a-ré, como um andar para trás, jogando pela janela os investimentos feitos numa pessoa, bem como as competências aprendidas do ler-escrever. É um sinal de que os governos muitas vezes não proporcionam condições concretas para que uma iniciação à leitura-escrita se mantenha e se enraíze socialmente, levando as pessoas a vivenciarem práticas de utilização da palavra escrita e se aprimorarem em termos de letramento.

Belo Horizonte, 30/09/2008.